

Ilhas ao Largo

O Brasil de Alto Mar

estadao.com.br

CAPÍTULO 4 - TRINDADE

"Do Cabo Verde engolhamos de 758 léguas e navegando nesta volta 28 dias avistamos terra que por outros tinha sido descoberta, ainda que mais por conjecturas do que por terem abordado nella...junto à ella estivemos toda noite, quasi a ponto de nos perdermos com um grande temporal e vento de travessia...e não tinha nenhum valor (a ilha)...".

João de Empoli, da armada de Affonso de Albuquerque, 4 de maio de 1503.

QUASE UMA MIRAGEM

Uma espessa névoa sobre a negra silhueta recortada combina a paisagem com histórias de maldições, piratas, tesouros enterrados e, claro, naufrágios. Rochedos abruptos mergulham em águas agitadas: negros totens de pedra vulcânica enfrentando a teimosia do mar. Estranha, a névoa não chega a pousar na superfície da água, mas se mantém a uma certa altura, reta e silenciosa, como se quisesse contrariar, ao mesmo tempo, os traços verticais do relevo, com sua horizontalidade, e o estrondo das ondas, com seu flutuar. Trindade, a ilha mais distante da costa brasileira, materializa o temor dos navegantes: sem portos seguros, isolada por correntes e ventos violentos, desejada pela localização estratégica, inatingível aos comuns.

Da proa do Kotic - um veleiro de aço de 62 pés construído artesanalmente pelo comandante, Oleg Belly - os 11 tripulantes piscavam os olhos para ter a certeza de que a famosa ilha estava mesmo à vista. Depois de meses de muito trabalho, problemas burocráticos, técnicos e adiamentos sucessivos, a silhueta acidentada de Trindade aparecia no horizonte, exatamente como existia na imaginação, com uma nuvem coroadando de mistério a paisagem. Os 10 quilômetros quadrados da ilha, ao lado do conjunto de rochedos de Martim Vaz, constituem o pedaço de terra brasileiro mais oriental, a 600 milhas náuticas (1.111,8 quilômetros) do litoral do Espírito Santo.

A travessia do Kotic transcorreu sem incidentes, nem "pirajás". Temidos pelos velejadores, os "pirajás" são vendavais com chuva gelada, de curta duração e grande intensidade. Sopram de Leste para Sudeste, obrigam a arriar depressa as velas, porém acabam em alguns minutos, meia hora no máximo. Podem ocorrer diversas vezes num dia e são extremamente circunscritos. Os barcos mais rápidos até contornam ou fogem dos aguaceiros, se contarem com um timoneiro hábil. Às vezes, o vento traz perturbações no seu rastro, mais ou menos como as turbulências causadas pela passagem de um caminhão, em relação a motoqueiros e ciclistas. Na costa brasileira, os "pirajás" infernizam a vida dos navegadores entre Abrolhos, no sul da Bahia, e a Trindade.



Erros no cálculo da posição geográfica de Trindade, no passado, levaram à representação de diversas ilhas nos mapas dos navegadores.

O Kotic saiu a motor de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, com mar calmo e ventos fracos. Depois de Cabo Frio, a vista foi perdendo o recorte das terras e acalmando a busca por navios, ao ganhar distância das rotas mais congestionadas. No terceiro dia, as condições meteorológicas se alteraram: uma frente fria trouxe ventos fortes, o Kotic despertou. Agora velejava rápido e feliz. O vento Sudeste chegou com a frente e os navegadores aproveitaram para "subir" o máximo possível, antes da volta do vento Nordeste, predominante na região. A tática falhou. O vento Sudeste permaneceu, o Nordeste não voltou, transformando a suposta vantagem da "subida" num percurso adicional de

300 milhas náuticas e dois dias extras.

O vento deu carona ao mar agitado, sinônimo de enjôo para a maior parte da tripulação. Rostos pálidos e olhares angustiados enfrentavam as tarefas diárias com a pergunta "até quando" suspensa no ar. Nessas horas, o menor deslize dificulta a convivência, pode ter efeitos explosivos e desastrosos. Até um inocente gato, o William, transforma-se num estorvo. Companheiro de viagem da família Belly desde 1991, quando foi resgatado das ruas de Porto William, na Terra do Fogo, o gato apagou da memória a etiqueta de boa convivência a bordo, durante os meses em que o barco recebeu reparos. Na fase de readaptação, a caminho de Trindade, ele confundia as camas com seu banheiro particular e, por isso, tornou-se alvo de manifestações de ódio por parte de suas vítimas.

Um erro burocrático também tirou o sono da tripulação. O Kotic partiu do continente com uma autorização para permanecer na ilha por 10 dias. Comunicações posteriores da Capitania dos Portos, via rádio, reduziram este prazo para três dias, porque o barco não era classificado como oceânico e não correspondia ao descrito no pedido de autorização. Na verdade, houve um mal entendido: a Capitania verificou o registro de um outro barco, o **Kon-tiki**, de fato equipado somente com salvamento e comunicação para a zona costeira. Para profunda frustração da tripulação, o engano só foi desfeito na volta.

O roteiro de visitas e mergulhos acabou espremido. Trindade exerce um fascínio sobre os mergulhadores por suas águas azul-transparentes e grandes animais. Impressiona, ainda, a imensa quantidade de peixes de alguns cardumes. Eles têm um comportamento diferente dos peixes costeiros, independente da espécie, por estarem pouco habituados à presença humana. Ao invés de fugirem à menor sombra de mergulhadores, os cardumes de Trindade aproximam-se curiosos daqueles seres com nadadeiras e máscaras, tão deselegantes em seu meio quanto o são os peixes fora d'água.

A espécie mais abundante é o cângulo preto, um peixe de couro com apetite insaciável. Ele atrapalha os pescadores, rouba iscas destinadas a peixes mais nobres e deixa-se apanhar com tal facilidade, que ganhou o apelido de "me-pegue-por-favor". Sua carne foi rejeitada até pelo gato William.



Com apenas 10 km², Trindade é a ilha mais distante do Brasil, a 600 milhas náuticas da costa do Espírito Santo.

Os temidos tubarões - reputados como freqüentes e de grande porte na ilha - não foram avistados por nenhum dos cinco mergulhadores do Kotic. Por temer acidentes, a Marinha não permite a nenhum de seus homens - exceto mergulhadores credenciados - descer às águas mornas de Trindade. A arrebentação é outro risco. O fundo do mar não tem areia, é todo de pedra, com ascensão suave até chegar na linha de marés. Aí existe um degrau abrupto, saindo dos 6 metros de profundidade para zero. Nele arrebentam as ondas com fúria. Em toda a volta da ilha só existem cerca de 30 metros, no Calhetão, onde

é possível fundear barcos pequenos porque o formato da rocha faz um quebra-mar natural. Debaixo d'água, esse fundo de pedra vulcânica forma um cenário surreal, de túneis e arcadas cheios de recortes, com aparência de formação recente, pouco arredondados pelo movimento das ondas, suficientemente largos para o passeio dos mergulhadores pelo seu interior.

Com o tempo de permanência esgotando, alguns mergulhadores deixaram o fundo pela escalada do Pico do Desejado, o mais alto. São 640 metros até o cume. As pedras vulcânicas esfrelam a cada passo, as pernas ganham quilos extras de cansaço. Mas a estranha paisagem compensa. No topo, crescem os poucos arvoredos da ilha, quase totalmente desnuda nos seus penhascos e rochas vivas. Ao lado do bosque, predomina uma espécie de samambaia arborescente, a *Cyathea copelandii*, que atinge 6 a 8 metros de altura.

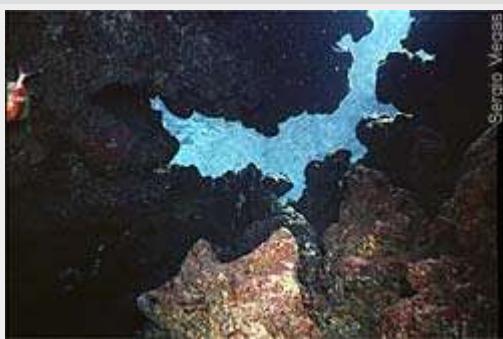
A descida é pior do que a escalada. Os visitantes acompanham uma trilha de cabras. Escorregam sobre as pedras soltas. As mesmas pedras, que volta e meia interrompem o abastecimento de água da Marinha, deslizando em pequenas avalanches sobre uma das três únicas nascentes de água doce da ilha. De pernas exaustas e fôlego curto, os aventureiros encerram a breve visita à terra - não muito firme - e voltam a encarar o mar, no longo percurso de volta a Angra dos Reis.

UM ICEBERG NEGRO EM PLENO ATLÂNTICO

Solitária, sinistra, deserta. São as três palavras mais utilizadas para descrever a paisagem da Ilha da Trindade. Profundamente marcada pela cor negra das rochas vulcânicas e formas pouco abaladas pelos ventos e ondas, Trindade inspira mesmo um certo temor. Não de todo injustificável: o que aflora à superfície do mar é o mais alto pico de uma montanha submarina vulcânica, cuja base está a uns 4 mil metros de profundidade. Até quase o topo, o enorme edifício de pedra sobe numa rampa relativamente suave. A seis metros da superfície do mar, a suavidade dá lugar a um degrau vertical, rocha dura até a linha da maré, onde surgem as praias de pedras negras quebradas. Em diversos pontos, a rocha continua vertical, subindo acima das ondas até 270 metros (Pico do Monumento). São fonolitos, pedras que soam como metais, como sinos. Escudos de fúria contra os visitantes, as rochas verticais conferem uma aparência de negro iceberg à ilha. Incitam as ondas à violência, numa linha de arrebentação, que impede a aproximação de qualquer barco nas enseadas.

Igualmente inóspitos são os rochedos de mesma origem da Trindade, que compõem o grupo de ilhas Martim Vaz. Dois picos negros e inacessíveis - o do Norte com 75 metros, o do Sul com 122 metros - guardam a ilha maior - Martim Vaz, com 175 metros - e a

ilhota Agulha. Raros arbustos, pequenos e açotados pelo vento, teimam em se manter vivos, certos do isolamento, que lhes garante um entorno perigosamente coalhado de rochedos submersos. Descoberta em 1503, Martim Vaz só sentiu o pé de um homem 459 anos depois, em 1962, com a ajuda de um helicóptero. Como ao redor da Trindade, lajes e alto-fundos cercam Martim Vaz - nem sempre emersos, nem sempre conhecidos e registrados nas cartas náuticas. Um campo minado para as embarcações de qualquer porte!



Debaixo d'água, o fundo de pedra vulcânica cria um cenário surreal, de túneis e arcos cheios de recortes.

Debaixo d'água, as pedras vulcânicas, de formação recente, são armadilhas para as âncoras. Inúmeros barcos e navios voltaram atrás, sem que seus tripulantes jamais pusessem os pés na ilha, com medo do humor do mar. Gente que veio de longe, aventureiros em busca de tesouros, velejadores calejados, navegadores equipados. A "maldição do Negão" não discrimina quem será rejeitado: pode ser qualquer um, venha de onde vier. O "Negão" seria um espírito protetor da Trindade, a quem se atribui tudo de ruim, que acontece durante as viagens à ilha. Se pegar num barco, a "maldição" o impede de fundear. Se a tripulação

insistir, vai ao fundo.

Talvez tenha sido arte do "Negão" o motim instaurado a bordo do pesqueiro coreano Kao Shing, atirado na Enseada dos Portugueses pela tripulação, depois de assassinados o comandante e o cozinheiro da embarcação. O encalhe ocorreu em dezembro de 1989. Os amotinados foram recolhidos e repatriados. O pesqueiro ainda está lá, à mercê das ondas, envolto num mar de burocracia e indiferença, que impede a retirada das toneladas de óleo combustível, ainda em seus tanques enferrujados e gastos.

Aos que desembarcam sem maiores incidentes, a ilha não reserva necessariamente um ambiente amigável. Nos picos mais altos, predomina um outro tipo de rocha vulcânica, uma lava porosa, esfarelada e vermelha, sujeita a escorregamentos. Difícil de pisar, a rocha solta desmancha-se em pequenas avalanches, não raro sobre o leito de uma das três únicas nascentes de água doce da ilha, usada pela Marinha. Cada pequena avalanche represa a água e corta o abastecimento.

Nada cresce sobre essa rocha. Não há raízes de plantas para segurar as encostas, nem mesmo junto ao leito dos três pequenos cursos d'água. Alguns navegadores portugueses do século XVI mencionam árvores de grande porte na ilha. Em 1700, quando o astrônomo inglês Edmund Halley ali desembarcou só haviam "troncos desnudos". Hoje nem os troncos, nem sinal de renovação. Há séculos alguns animais domésticos foram introduzidos na ilha como "reserva de alimento". Porcos e cabras soltos dão boa carne aos navegantes de passagem, cansados de tanto peixe no cardápio. Mas, na Trindade, eles foram desastrosos. As cabras acabaram com toda a vegetação rasteira e ainda comem a casca dos poucos arbustos sobreviventes, condenando-os à morte. Os porcos fugaram raízes, revolveram a terra na busca de semente. Provavelmente, extinguíram as chances de sobrevivência das árvores. Depois de consumir todo o verde, de volta ao estado selvagem, os porcos passaram a devorar qualquer coisa: ovos de tartarugas, de aves marinhas, caranguejos e até cabritos pequenos. Nos anos 60, uma campanha da Marinha acabou com os porcos, infelizmente, tarde demais para algumas espécies vegetais.

As cabras continuam soltas. E ameaçam a samambaia arborescente, a *Cyathea copelandii*, que atinge de seis a oito metros de altura e forma bosques no alto da ilha, entre 500 e 600 metros de altitude. Raras, essas samambaias teriam se mantido com a mesma aparência e tamanho de suas ancestrais pré-históricas, do período carbonífero, cujos esporos podem ter sido transportados por correntes de ar nas altas altitudes, sobre o Oceano Atlântico, até a ilha. Na França, o estudo de um outro arbusto, a Colubrina, mostrou existir um elo importante entre essa vegetação de ilhas isoladas e a reprodução de aves migratórias. Não há pesquisa semelhante sobre as samambaias, apesar delas serem consideradas "tesouros botânicos" pelos especialistas.



No alto dos picos de Trindade, cresce a samambaia arborescente, que atinge de 6 a 8 metros de altura.

Raros também são os caranguejos da Trindade (*Geocarcinus lagostoma*), totalmente terrestres e enormes. Em geral, as espécies continentais de caranguejos vivem na linha da maré, reproduzindo-se nos mangues e depositando suas larvas na água. Os caranguejos da Trindade querem distância do mar. Vivem nas rochas altas - inclusive no Pico do Desejado, o ponto culminante, com seus 640 metros - e não descem nem para a dança do acasalamento. Só as fêmeas aproximam-se das águas, e apenas o tempo suficiente para depositar as larvas e logo subir novamente.

Num movimento inverso, as tartarugas marinhas aproximam-se das rochas da ilha apenas nos meses de verão, tempo de desova. Também são apenas as fêmeas a trocar de meio, desta vez das águas seguras do mar para as estreitas faixas de areia além da linha de marés, atravessando as praias de pedras, expostas aos predadores. Enormes tartarugas aruanãs (*Chelonia mydas*) sobem à Praia das Tartarugas e dos Andradas todos os anos, no mesmo período. As praias do Túnel, do Príncipe e, esporadicamente, a dos Cabritos também são freqüentadas por centenas delas. Trindade está entre os mais importantes pontos mundiais de desova dessa espécie.

Uma das maiores tartarugas encontradas nas praias da Trindade pesava mais de 400 quilos e estava sem a nadadeira dianteira, aparentemente arrancada. Há registro, ainda, de um outro espécime pescado, de 1,5 metro e 800 quilos! As tartarugas marinhas são capazes de viajar milhares de quilômetros para retornar à praia onde nasceram e ali depositar seus ovos, cerca de 300 por vez, dos quais somente um terço nasce e um ou dois filhotes chegam à idade adulta.

O caranguejo terrestre, antes perseguido pelos porcos e ainda apreciado no cardápio do predador- mor, o homem, é, por sua vez um dos predadores naturais dos ovos de tartarugas. Ele é também o responsável, possivelmente, pelo comportamento das aves marinhas residentes: ao invés de fazer seus ninhos no chão, como nas outras ilhas oceânicas, os atobás, viuvinhas e trinta-réis de Trindade nidificam nas escarpas dos rochedos, onde a prole cresce a salvo das garras do caranguejo e, no passado, escapava aos porcos e cães ferais. Os cães ferais (em estado selvagem) foram eliminados pela Marinha junto com os porcos, mas, por segurança ou por hábito, as aves não abandonaram as alturas.

TESOUROS, NOBRES CONQUISTADORES E MUITOS ERROS.

O tesouro mais difícil de encontrar, na ilha da Trindade, não foi enterrado por nenhum pirata, nem sequer foi enterrado: é a sua vocação. As buscas tiveram início no tempo

das navegações de descobrimento, no século XVI, e ainda não terminaram. A ilha já foi considerada ideal como: ponto de tráfico dos navios negreiros; porto de descanso e reabastecimento nas rotas das Companhias das Índias e da Guiné; presídio; salinas; "recanto" de vinicultura (para colonização portuguesa, com açorianos); apoio ao telégrafo britânico; base militar brasileira na Segunda Guerra; indústria pesqueira para abastecimento de Salvador, Vitória e Rio de Janeiro; base aero-naval e, mais recentemente, depósito de lixo atômico. Todos, projetos naufragados.

Alheia à sua condição de ponto estratégico no Atlântico Sul, porque situada a um terço da distância entre o Brasil e a África, a Trindade permanece inóspita. Vivem lá, emprestados do continente, cerca de 30 homens a serviço da Marinha, numa base com 10 alojamentos, um posto de observação meteorológica e grande dependência da terra firme para o abastecimento. Nem porto para embarque e desembarque dos víveres estabeleceu-se, dada a agressividade das ondas. Até hoje, para descarregar as corvetas ou navios de pesquisa com alimentos e desembarcar pessoas, a Marinha utiliza a "cabrita". É uma balsa chata com uma caixa de laterais altas ao centro, onde se colocam as cargas. As pessoas vão agarradas à caixa e todo o conjunto é atado ao barco e à terra por cabos, e assim puxado de um lado para outro. A cada 60 dias, a descarga da corveta toma um a dois dias nesse vai-e-vem.



Poucos se aventuram nas águas agitadas de Trindade, de peixes muito grandes e cardumes numerosos.

A agricultura, como todos os outros projetos, nunca vingou na ilha, nem na pequena várzea junto à Enseada dos Portugueses, onde fica a vila militar. Exceto por algumas frutas plantadas junto aos alojamentos - coqueiros, laranjeiras, cajueiros e mangueiras - e hortas de fundo de quintal, nada se tira daquela terra. As águas, ao contrário, são repletas de lagostas, atuns, barracudas, olhetes, garoupas, badejos. Também são repletas de histórias, aquelas águas. A começar pela lista de descobrimentos e erros nas cartas de navegação.

O primeiro descobrimento provável data de 1501, pelo navegante português João da Nova. Ele saiu de Lisboa com destino às Índias e notificou a descoberta de uma ilha, a que chamou Acensão ou Assunção e colocou no mapa a 20°31' de Latitude Sul (Trindade fica, na verdade a 20°30'16"S). O segundo descobrimento ocorre no ano seguinte, por Estevam da Gama, também português, também a caminho das Índias. Ele a chamou Trindade, por tê-la avistado no Domingo da Santíssima Trindade. Mais um ano, mais um descobrimento, por João de Espoli, da esquadra de Afonso de Albuquerque. Ele a descreveu como "ilha de nenhum valor" e a chamou Ascensão, nome que figurava também em mapas espanhóis (Accenssón), a partir de 1507. Em 1509, Olivier de Noort, holandês, registrou outro descobrimento, com latitude mais distante da verdadeira (20°15'S).

O resultado de tantos descobrimentos foram cartas de navegação com duas ou três Trindades, em pontos geográficos distintos, mas com a mesma descrição da paisagem. Muitos navegadores procuraram a ilha, mas ao chegar nas coordenadas apontadas, ela havia "sumido" misteriosamente. A grande dificuldade, de fato, era o cálculo das coordenadas. Embora entre os capitães das grandes esquadras do século XVI houvessem hábeis astrônomos, capazes de cálculos meticolosos, como Américo Vespúcio, a grande maioria entendia mesmo de velas, ventos, correntes marinhas e comércio. As latitudes eram mais fáceis de acertar, a partir da posição dos astros. Mas a longitude depende de relógios e a precisão da época era a das ampulhetas ou a dos relógios de sol. A posição correta da Ilha da Trindade só aparece nas cartas de navegação do nosso século, depois do Ano Geofísico Internacional, 1957, quando foram

definidas nos mapas várias localidades geograficamente incertas. Mesmo então, foram cometidos erros grosseiros nos contornos da ilha, corrigidos apenas em 1962, com fotos aéreas.

Antes disso, em 1.700, Trindade foi descoberta ainda mais uma vez, pelo astrônomo e navegador inglês Edmund Halley, responsável também pelo cálculo da periodicidade de visitas do cometa Halley. Ele tomou posse da ilha em nome da Inglaterra e gerou uma disputa diplomática com Portugal. Uma das provas da soberania de Portugal, apresentadas à Inglaterra, foi uma carta de 1530, na qual D. João III, rei de Portugal, doava a ilha a Belchior de Carvalho. O donatário nunca pisou em Trindade, mas a carta fez a Inglaterra recuar. Pelo menos até 1781, quando os ingleses a tomaram outra vez, construindo um forte e iniciando uma colônia.

Durou dois anos a ocupação inglesa, até Portugal descobrir a invasão e armar uma força expedicionária com 150 homens, comandada pelo capitão de mar-e-guerra José de Melo. A expedição partiu do Rio de Janeiro no início de 1783. Levou 25 dias para chegar à ilha e voltou sem dar combate aos ingleses, que se retiraram, dissuadidos, deixando para trás as instalações militares e 12 canhões. Os portugueses, então, instalaram ali uma colônia de açorianos. Três anos e muitos gastos depois, a colônia foi extinta.

Um século mais tarde, as histórias de Trindade misturaram-se a lendas de piratas, com roteiro internacional e grande elenco de figurantes. Pelos menos 12 expedições foram organizadas para procurar um tesouro, de ouro, prata e pedrarias saqueadas da Catedral de Lima, no Peru. O comandante de uma esquadra chilena, Lord Dundoneld, organizou o saque e embarcou para a Inglaterra. Perdeu a valiosa carga para piratas. Eles teriam enterrado o tesouro em Trindade, pouco antes de serem presos pelos espanhóis e enforcados em Cuba. Um dos presos revelou o segredo antes de morrer e grandes somas foram gastas por aventureiros, desde então, em busca de todo este ouro.



Na vila de alojamentos da Marinha vivem 30 homens, em esquema de rodízio e grande dependência do abastecimento vindo do continente.

O ano do saque teria sido 1821. As maiores expedições foram a dos navios "Áurea", de 1885 e "Alert", de 1889. Nenhuma das duas descobriu qualquer vestígio do tesouro peruano.

O fim do século XIX legou à ilha mais outra história curiosa, a de um nobre que queria ser príncipe, mas não tinha reino. Norte-americano de origem, um certo barão Harden Hickey calculou que uma ilha isolada, no meio do Atlântico, daria um bom principado e interessou-se pela Trindade. Em 1892, saiu distribuindo panfletos com sua descrição da ilha, atrás de voluntários para

constituir a corte e súditos. O governo brasileiro interveio e o Principado de Trindade acabou, sem nunca ter sido.

Mais três anos, janeiro de 1895. Trindade volta aos jornais, ocupada mais uma vez pela Inglaterra, que ali não encontrou "nenhum marco de posse" e dela precisava "para proteção do seu comércio marítimo e segurança de suas possessões ultramarinas". O governo brasileiro só tomou conhecimento da invasão meses depois do fato consumado, em julho, quando o jornal "Financial News", de Londres deu a notícia. A diplomacia inflamou. Chegou aos preparativos de um navio brasileiro para abordagem da poderosa Marinha de Guerra Britânica, com solidariedade e indignação dos países vizinhos - Argentina e Uruguai - e de Portugal. Discursos e declarações piorando a cada dia,

Portugal propôs a mediação e evitou um confronto como o que viria ocorrer em 1982, entre a Inglaterra e a Argentina, pela posse das Ilhas Malvinas. Os ingleses se foram, mais uma vez sem tiros entre as partes.